

Ano 3, nº 2, março e abril de 2025

 Biblioteca
Nacional de
Brasília

BNB
Boletim Informativo

3º CANDANGUINHO VEM AÍ PARA CRIANÇAS E JOVENS

A Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) vai lançar o 3º Prêmio Candanguinho de Literatura Infantojuvenil no próximo dia 23 de maio. A ideia é convidar cerca de 400 estudantes de escolas públicas do DF e da Região Integrada de Desenvolvimento (Ride) para participar da festa. O concurso dá R\$ 90 mil em premiações e tem três categorias — a faixa de seis a 12 anos, a de 13 a 17 e a de crianças com deficiência entre seis e 17. (Página 2)



BANDOLINS — A Orquestra de Bandolins apresentou-se no auditório da BNB em 15 de abril. O grupo, com menos de um ano de existência, levou ao público um repertório que incluiu autores clássicos, como Vivaldi e Mozart, que compuseram para o instrumento, e artistas nacionais ligados ao choro, entre eles, Jacob do Bandolim, Pixinguinha e Luiz Gonzaga. (Página 10)

Como a Inteligência Artificial pode ser usada nas bibliotecas?	3
Coletânea sobre a clínica de relações amorosas lançada na BNB	4
Evento organiza uma noite com a música e o cinema do Egito	6
Feira de trocas movimentada BNB e promove concurso de fantasias	8
Blitz de xadrez chama praticantes e gera pontuação em ranking	12

3º Candanguinho em maio premia nove trabalhos

A Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) vai lançar o 3º Prêmio Candanguinho de Literatura Infantojuvenil no próximo dia 23 de maio. A ideia é convidar cerca de 400 estudantes de escolas públicas do DF e da Região Integrada de Desenvolvimento (Ride) para participar da festa. O concurso dá R\$ 90 mil em premiações e tem três categorias — a faixa de seis a 12 anos, a de 13 a 17 e a de crianças com deficiência entre seis e 17. Os três primeiros trabalhos em cada categoria serão agraciados. O lançamento será na Sala Martins Pena, Teatro Nacional Cláudio Santoro.

A Secec assinou termo de colaboração com a Organização da Sociedade Civil (OSC) Companhia Voar Arte para Infância em Juventude, vencedora de edital com essa finalidade. Ela organizará a iniciativa em todas as suas fases, do lançamento à publicação de livro com os melhores trabalhos e a distribuição de exemplares às bibliotecas públicas. A expectativa da Companhia Voar é de alcançar no mínimo 1500 inscrições.

O coordenador da Companhia Voar, Marcos Linhares, afirma que a OSC vai motivar as escolas com saraus poéticos para aproximar a literatura das artes interativas: "serão performances criativas, desafios de poesia falada e poemas improvisados a partir de sugestões do público. Transformaremos a experiência literária em algo vivo. Convidaremos poetas e criadores digitais a mostrar a potência da palavra. Nossa abordagem descontraída conectará a poesia ao universo jovem, provando que a literatura pode ser tão envolvente quanto os conteúdos consumidos nas redes".

O também jornalista e professor acredita que o Candanguinho seja uma ferramenta de transformação social que pode ajudar a reverter índices alarmantes na queda de leitores e leitoras, especialmente ao alcançar as periferias e escolas públicas de todo o DF e RIDE. "A poesia, com sua linguagem acessível porém profunda, tem o poder único de reconectar os jovens com o universo da palavra escrita, formando leitores mais assíduos e cidadãos mais conscientes. A luta contra as telas de smartphones é vital", acredita.

Com 18 livros publicados, o coordenador da Feira do Livro de Brasília de 2016 e da programação da Biblioteca Demonstrativa do Brasil no biênio 2021-2022, afirma que o Candanguinho destaca-se no país como uma das poucas iniciativas exclusivamente dedicadas à poesia para crianças e jovens: "o prêmio fortalece a educação literária, consolidando-se como referência para a poesia infantojuvenil".

Ele cita as pesquisas "Hábitos culturais no DF: a presença da desigualdade", de 2023, e a 6ª edição do "Retratos da Leitura no Brasil" (2024) para ressaltar que apenas 28% das crianças e adolescentes mantêm o hábito de leitura semanal no DF. Em nível nacional, 38% dos adolescentes nunca leram um livro por iniciativa própria. "Essa realidade é ainda mais grave porque estudantes da rede pública e de famílias de baixa renda têm acesso três vezes menor a livros que nas classes mais abastadas, criando um abismo educacional que se aprofunda a cada ano", alerta.

Linhares argumenta também que, quando 78% dos adolescentes preferem redes sociais a livros e 61% admitem não ter paciência para ler, o país se vê diante de uma geração com capacidade reduzida de interpretação crítica, pensamento abstrato e argumentação consistente. "Essa deficiência compromete a formação de cidadãos capazes de analisar contextos complexos e participar ativamente da vida democrática", conclui.

Workshop de dois dias terá foco em pensamento crítico e inovação

Que tal expandir a narrativa de um livro, trazendo para seu entorno filmes, fotos, obras de arte, vídeos, músicas e mesmo outras histórias criadas a partir daquela, de modo a melhorar a comunicação entre as pessoas pelo uso de recursos multimídia? Como as bibliotecas podem ajudar usuários a lidar com "fake news"? Essas possibilidades para o uso da inteligência artificial (IA) nas bibliotecas foram abordadas pelo consultor em transformação digital e inovação tecnológica Santiago Villegas-Ceballos (foto ao lado), no workshop "Bibliotecas na era da IA — ética, pensamento crítico e inovações", realizado em abril na BNB.



"O professor Santiago veio a Brasília para um simpósio no Superior Tribunal de Justiça (STJ), com quem fizemos uma parceria, e pudemos trazê-lo para dar uma oficina voltada para bibliotecários do DF. Estávamos certos de que seria muito produtiva", afirmou a diretora da BNB, Marmenha Rosário. A BNB conta com um grupo de servidores que vem utilizando "design thinking" e o aplicativo "Canva" para divulgar suas múltiplas atividades e iniciativas no perfil da instituição no "Instagram".

O "design thinking" explora diferentes ângulos e perspectivas de um assunto para comunicar propostas e soluções, priorizando o trabalho colaborativo em abordagens multidisciplinares a fim de encontrar soluções criativas. "É importante lembrar que tanto o 'design thinking' como a metodologia Canva vêm do mundo das organizações empresariais com o intuito de dar respostas ágeis na divulgação de serviços. A partir da década de 2010 temos trabalhado no âmbito das bibliotecas", explicou Villegas-Ceballos.

"Fake News"

No primeiro dia, um dos assuntos que Villegas-Ceballos abordou foi o da análise crítica e estratégias para avaliar a confiabilidade de informações geradas por IA. "Essa é uma das perguntas que mais fazem os profissionais das bibliotecas. Há uma enorme massa de informações textuais, visuais e audiovisuais produzida por máquinas que não entendem o contexto específico e desconhecem a diferença entre os conceitos de verdade e mentira", alertou.

Coordenador da Biblioteca do STJ — entidade parceira da BNB na viabilização do workshop com Villegas-Ceballos na BNB —, Cristian Brayner, doutor em Literatura e Mestre em Ciência da Informação, é um entusiasta do uso da IA nas bibliotecas: "a inteligência artificial pode nos ajudar a filtrar informações, identificar fontes duvidosas e até sugerir conteúdos confiáveis.

Psicólogas lançam livro sobre relações amorosas

Autoras organizam 16 artigos de 26 autores e autoras sobre o tema

A psicóloga Lorena Bezerra Nery, graduada pela UnB, também mestre em Ciências do Comportamento pela mesma universidade, e a psicoterapeuta Marianna Braga de Oliveira Borges, com graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília, especialista em análise do comportamento pelo IBAC, lançaram em abril na BNB o livro "Relações amorosas, terapia de casais e análise do comportamento" (2025, Appris, 458 páginas, R\$ 100). Elas são as organizadoras da obra e também comparecem com quatro contribuições entre os 16 artigos, totalizando 26 autores. Houve sessão de autógrafos no foyer da biblioteca.

"Nós buscamos compor um livro com a proposta de oferecer, a partir do compartilhamento das experiências de especialistas diversos, uma análise aprofundada das dinâmicas e complexidades das relações amorosas na contemporaneidade. O objetivo era enriquecer, com recursos terapêuticos, reflexões e exemplos

clínicos, a prática de profissionais que se dispõem a trabalhar com casais e pessoas com demandas amorosas", explica Lorena. "Nossos convites para os capítulos deste livro buscaram compor um material que contemplasse os olhares e as contribuições de autoras e autores diversos: de diferentes abordagens, regiões do país, sexualidades, características étnico-raciais, idades, experiências profissionais, lugares de fala", complementa. "O livro alerta para a importância do conhecimento profundo sobre o tema das relações amo-

rosas, monogâmicas ou não-monogâmicas. No capítulo que discute especificamente esse tema, os autores discorrem sobre as contingências mais amplas que agem sobre as intimidades individuais, preocupados em nos mostrar nossos preconceitos arraigados a respeito das formas de relacionamento alternativas à monogamia", destaca Marianna. "Uma vez que o foco do livro é a orientação do trabalho na clínica, nossa proposta é que terapeutas saiam da leitura mais preparadas e preparados para atender também casais não-monogâmicos. Compreender que a monogamia é uma forma de organização social entre outras possíveis nos ajuda a abordar a diversidade dos arranjos amorosos de maneira não punitiva, sem julgamento e com a compassividade que o trabalho na clínica psicoterápica exige", afirma.

Mariana classificou o lançamento de "fantástico, não poderia ter sido melhor! Tanta gente nos prestigiou, nem sabemos ao certo quantos éramos, mas sabemos que foi um sucesso". "Nada melhor do que viver esse momento em uma biblioteca pública, que, em tempos de obscurantismo, reafirma sua importância democrática como possibilitadora do livre pensamento. Foi também uma experiência linda de celebração, de encontros, reencontros e trocas com colegas que não víamos há tempos ou até que ainda não tínhamos conhecido pessoalmente", arrematou Lorena.



Marianna (esq.) e Lorena no foyer da BNB/Divulgação

Oitavo livro de Maristela Papa será interpretado pela irmã, Mônica

Um monstro pode amar demais? Quem explica é a contadora de histórias e professora de artes Maristela Papa, que lançou no dia 24, na BNB, seu último livro infantil, "O monstro que amava demais", editado este ano pela Condão (26 páginas, R\$ 45): "Bom, trata-se de um livro que fala sobre o amor de um monstro porque ele ama tanto que se esquece dele mesmo. Busco alertar os pais que amar demais tem de ser com sabedoria". Para assistir à contação, é só aparecer na biblioteca, a entrada é franca.



Maristela Papa, crédito: Cristiano Nascimento

Concebido em 2017, o primeiro livro solo de Maristela (que coassina outras obras) antecipa o angustiante debate da série "Adolescência" (Netflix, 2025), um drama criminal urdido por "bullying" nas redes sociais. "Hoje as nossas crianças estão presas a telas, dentro de quartos, e pai e mãe acham que isso é amor porque você está dando o melhor celular, o melhor computador, o espaço mais seguro, acreditando que a criança está a salvo nesse ambiente, o que é uma grande mentira, né? A criança está na internet, podendo participar de grupos e ações totalmente tóxicos", adverte.

Maristela, que não assistiu à série, mas sabe do enredo, compartilha da angústia que o drama na telinha tem suscitado entre pais e mães, aflitos com as ameaças da comunicação mediada por computadores: "meus filhos têm 30 e 23 anos, já passaram muito dessa fase, mas eu trabalho com crianças a partir de 10 anos, meus alunos da Estrutural, e eles têm muito acesso às telas, aos celulares, o que é uma grande preocupação".

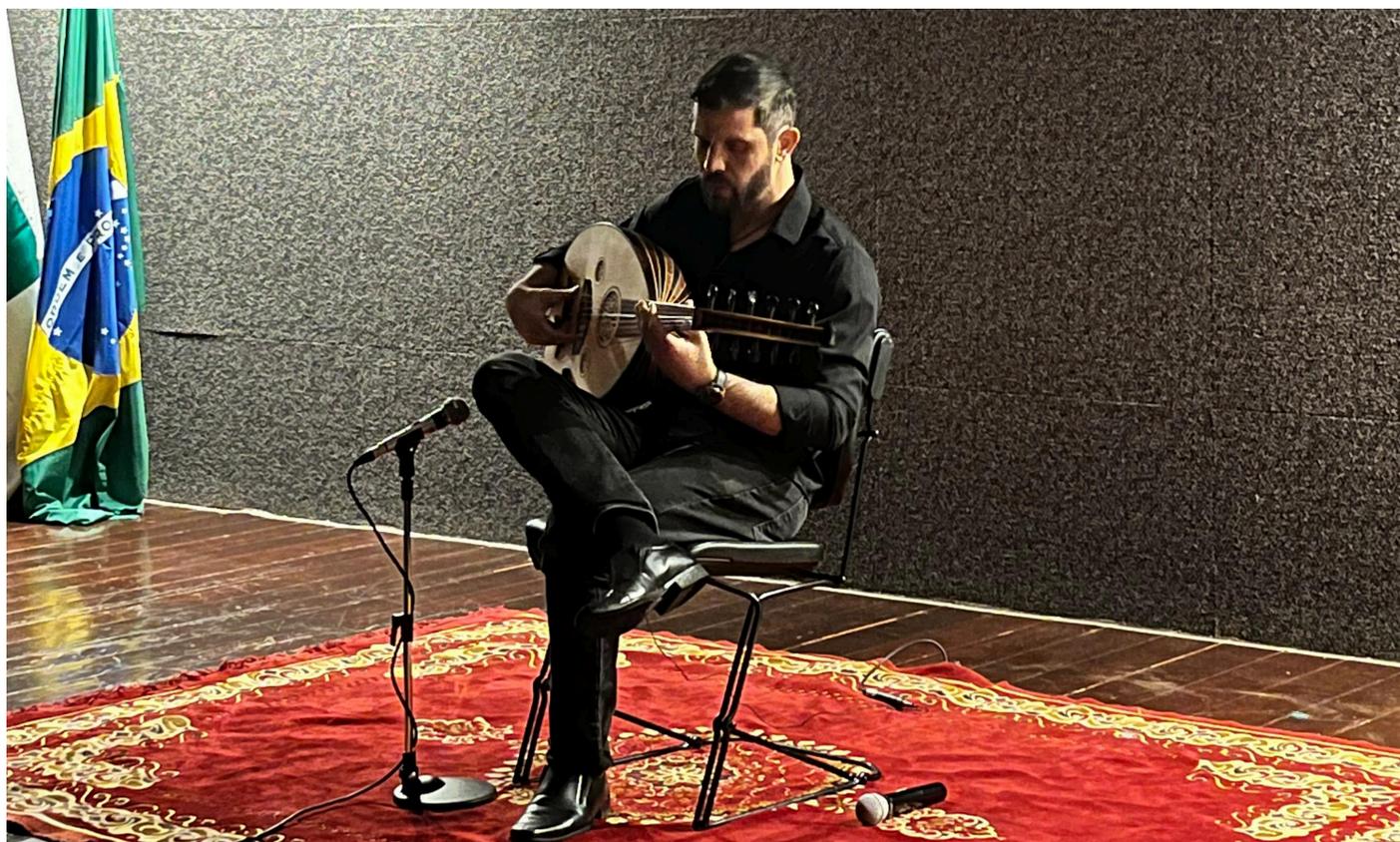
A contação no dia 24 vai ficar a cargo da irmã de Maristela, Mônica. Ambas fazem parte da Associação Amigos das Histórias. Mônica é arte-educadora e realiza costuras artísticas. "Ela vai contar a história do monstro com um bonequinho de tecido na mão. E esse boneco vira uma surpresa no final da história, que obviamente eu não posso revelar", atiza. As ilustrações do livro são da prima das duas, Tainah Papa, que é publicitária e designer.

Uma noite egípcia movimentada a biblioteca

Evento teve filmes e apresentação musical com alaúde

A BNB recebeu em abril o evento "Noites de Cairo", numa parceria com a agência de tradução e interpretação Orientse, especializada no Brasil em idiomas orientais e também envolvida em produção cultural. O músico brasileiro Bernardo Bittencourt tocou músicas egípcias no alaúde. Foram exibidos o documentário "Para Onde Foi o Ramsés", uma produção egípcia que explora a história e os mistérios por trás do faraó Ramsés, que governou o país por 66 anos, na virada para a era cristã, e o curta "Homem do Mar", que conta a história de um homem idoso em busca de respostas para a vida enquanto contempla o mar. Os dois têm a direção de Amry Baumi, que vive no Cairo.

"Minha aproximação com o Egito foi como chamado que me atravessou como poucas coisas fizeram comigo antes, Era como se eu tivesse reconhecido uma voz antiga, de Alá, não sei", revela Bernardo. Na apresentação, ele tocou algumas peças, inclusive músicas da tradição sufi, corrente mística do Islã que busca uma conexão direta com Deus. Ele afirma que a música brasileira tem parentesco com a árabe, principalmente no ritmo e via bandolim, um parente do alaúde.



Bernardo Bittencourt executa músicas egípcias no alaúde/crédito: divulgação

"Noites de Cairo" fez parte do esforço do diretor da Orientse, Amro Saad, de dar visibilidade à cultura do Egito, onde nasceu. Além de tradutor, ele é escritor. Naturalizou-se brasileiro. "Já fizemos mostras de cinema e exposições de arte em Brasília. A ideia do "Noites" foi trazer a cultura do Cairo, uma cidade com mais de 10 milhões de habitantes, uma grande capital, com muitas contradições, muita arte e comunidades variadas, que lembra um pouco a cidade de São Paulo". O projeto encabeçado por Saad pretende a cada edição focalizar artes específicas, como o cinema e a música na que aconteceu em abril na BNB.

Resenha Cultural

Este espaço é destinado a servidores da Secec e da rede de bibliotecas públicas do DF que queiram expressar pontos de vista e fazer comentários e reflexões sobre artes, literatura e cultura em geral.

A importância da cultura numa biblioteca pública: Comunicação na 15ª Bienal do Livro do Ceará

por Marmenha Rosário



Diretora da BNB, Marmenha Rosário, na bienal

Dividi com meus pares na 15ª Bienal do Livro do Ceará, evento que aconteceu de 4 a 13 de abril no Centro de Eventos do Ceará, em Fortaleza, a nossa experiência na Biblioteca Nacional de Brasília, que tive o orgulho de representar, como biblioteca pública na formação de leitores e leitoras. Além de participantes de outros estados da federação, havia representantes das 457 bibliotecas daquele estado.

O objetivo deste pequeno texto é fazer para meus colegas bibliotecários do Distrito Federal uma síntese de minha apresentação. Primeiramente, discorri sobre a importância das bibliotecas públicas como espaços de acesso ao conhecimento e à cultura, fazendo da leitura um modo de adquirir aprendizados para a vida. Meus pais não tinham recursos para adquirir livros, e foi graças a equipamentos públicos que consegui ter acesso a eles, me formar e chegar aonde estou. Em seguida, argumentei que, além de livros, atividades culturais que respondam às demandas das pessoas fortalecem os laços entre biblioteca e comunidade.

Apontei que no nosso caso, entre as principais atividades culturais, estão contações de histórias, visitas guiadas pelos nossos espaços e lançamentos de livros. Falei também de outras atividades culturais, como nossos saraus, clubes de leitura, oficinas e cursos. Também entre nossas iniciativas de maior sucesso estão exposições e mostras culturais, "pocket shows", aulões para diferentes certames, batalhas de rap, jogos de mesa, feiras de trocas e exhibições de filmes dentro de iniciativas temáticas. Hoje a gente tem uma curadoria para selecionar essas atividades, que acontecem aqui do hall de exposição ao espaço infantil. Nossa sala de cursos está com ótimo grau de ocupação, com cursos de inglês e mandarim.

Expliquei que nossa gestão chamou a comunidade cultural para ocupar os espaços da BNB. Nosso Instagram ganhou em dinamismo e capacidade de dialogar com os principais acontecimentos e, à medida que essas ocupações foram sendo realizadas, mais pessoas, entre público e agentes culturais, foram procurando a biblioteca pessoalmente ou pelo do e-mail institucional. Assim, a gente conseguiu conquistar corações e mentes, como gosto de dizer. Hoje temos cerca de 48 mil seguidores em nosso perfil na rede social.

Obviamente, também disse que há muitos desafios para que tais iniciativas se materializem. Falta de recursos e dificuldades em obter parcerias, baixa participação do público, normalmente em razão de problemas de comunicação, exiguidade de espaço, enfim, cada biblioteca pública sabe de sua própria realidade. Nosso maior ativo, destaquei, são nossas servidoras e servidores. Outro ingrediente fundamental é a boa relação com a comunidade cultural. Deixei na bienal que o maior desafio da gestão é incentivar a participação da comunidade.

A bibliotecária Marmenha Rosário, da carreira de PPGG, é diretora da BNB em segunda gestão.

Evento homenageia bibliotecárias com concurso de personagens

A Biblioteca Nacional de Brasília (BNB) viveu um sábado movimentado em 15 de março, quando realizou a "Feira de Troca de Livros, Mangás e HQs" no saguão de entrada do equipamento. Foi visitada na ocasião por mais de 300 pessoas interessadas nas permutas, cada uma com direito a cinco. A edição desse evento, que deve se repetir em junho, teve como mote a comemoração do Dia do/a Bibliotecário/a, comemorado no mesmo mês. Foram disponibilizados para a escolha do público 930 livros e 1.400 hqs e mangás.

"Foi um sucesso", sintetizou a servidora Renata Maria Tavares, da Gestão da Informação. Analista de Políticas Públicas e Gestão Governamental, ela fez parte da força tarefa, formada por cerca de dez colegas que, em uma semana, trabalhou na preparação do lote de livros para o evento. Os títulos oferecidos foram os que a BNB tinha em duplicidade ou além da demanda. (ASPAS SUGERIDAS) "A feira qualifica nosso acervo e mostra também que felizmente o interesse por livros continua grande", comemorou a diretora da biblioteca, Marmenha Rosário.

A contrapartida para a BNB foi que seu acervo ampliou-se em 115 histórias em quadrinhos, 38 livros de escritores brasileiros e 616 obras de literatura e outros. A operação das trocas seguiu um ritual trabalhoso. Uma equipe avaliava a olho as condições dos livros trazidos pelo público – condição de conservação e assunto, basicamente. A pessoa interessada na troca recebia fichas em número equivalente às obras entregues. Em seguida, o bibliotecário Luís Eustáquio Braga, do Processamento Técnico (área que prepara os livros para irem para estante), utilizava um terminal de computador para verificar no sistema de empréstimos SophiA se a BNB já contava com a obra, que em seguida era adicionada ao acervo ou voltava para as pilhas de obras para escolha pelo público.

Concurso

O burburinho da feira teve em certo período a concorrência do concurso de fantasia "Bibliotecários na ficção", em que as candidatas produziram no espaço CLIC curtos esquetes para dar vida a personagens bibliotecárias nas obras de ficção. Yara Lima Cordeiro, de 24 anos, moradora em Valparaíso de Goiás e estudante de Medicina Veterinária pela UnB, ficou em primeiro lugar. Sua personagem foi a "Kaisa", da série animada "Hilda" (2018).

"Me inspirei nela porque, assim com eu, ela é uma personagem meio introvertida. Além disso, é de uma família bruxa e se sente mal por não corresponder às expectativas de ser uma boa bruxa, preferindo ser apenas uma boa bibliotecária. Ser premiada no concurso foi tanto uma alegria quanto uma surpresa, eu estava feliz apenas de participar porque eu acho esses eventos muito legais", relata a futura veterinária.

Da mesma idade, Renata Ferreira das Neves, de Brasília, ficou em segundo lugar. Ela foi a "Evelyn" (Rachel Weisz) do filme "A Múmia" (1999). "Tenho afinidade com a cena dela derrubando os livros e o seu discurso de bibliotecária", diz a estudante da UnB de Letras, Língua Portuguesa e Estudos Literários. Renata tem um site onde publica resenhas, faz revisão de textos e oferece aulas particulares.



Fantasiadas: Yara Lima Cordeiro e Renata Ferreira (dir.)

Dia Mundial da Poesia celebra poética “queer”

Encontro reuniu autoras no combate ao preconceito de gênero

No Dia Mundial da Poesia, 21 de março, a BNB foi apoiadora e palco do evento "Entre Versos e Identidades: Poesia LGBTI+", celebrando com poemas “queer” a diversidade sexual e de gênero. A iniciativa foi da ONU Direitos Humanos em parceria com o Arquivo Lésbico Brasileiro, instituição sem fins lucrativos dedicada à preservação, difusão e democratização do acesso às memórias lésbicas, e a Rede Lesbos, comunidade que conecta pessoas com essa orientação.

"Foi muito importante, que esse evento tenha podido acontecer em uma biblioteca pública, de forma gratuita, ajudando a movimentar a cena cultural da cidade", disse Paula Silveira-Barbosa, 29 anos, jornalista, diretora-geral do Arquivo Lésbico Brasileiro e doutoranda em Comunicação Social (UFMG). "Iniciativas como essas se somam no esforço de combater as desigualdades, os estigmas, as diferenças. Eu acho que a gente deve fazer mais dessas atividades para ampliar ainda mais o alcance dessa luta", completou.

Cerca de 20 pessoas compareceram e se revezaram na leitura de poemas próprios e de outras autoras e autores. Paula destacou a importância de que pessoas de todas as identidades se envolvam nas trocas com e entre pessoas LGBTQIA+. "Pessoas com identidades diferentes conseguiram se expressar, trocar com as pessoas convidadas, recitar suas poesias, isso é muito importante. É muito legal também que a gente consiga estabelecer espaços de diálogo com outros grupos, com pessoas de outras identidades", defendeu a jornalista que se declara amante da literatura como espaço que fura as bolhas promovidas pelas redes sociais.



A poesia celebrando a diversidade sexual e de gênero no auditório da BNB

A diretora do "Arquivo", que vai completar cinco anos e tem um clube de leitura próprio, chamou atenção para o trabalho do pesquisador Pedro Ivo, que está terminando o doutorado em que investiga a interseção da poesia LGBT com questões de classe e de raça. "É uma pessoa pra gente acompanhar, né? Tanto como escritor quanto como pesquisador". Paula acredita que o momento é de maior abertura do mercado editorial para autores e autoras cuja poética avança para territórios antes presos por normas heteroafetivas.

Orquestra de Bandolins, do clássico à MPB

E milongas na edição anterior: atrações do bimestre no BNB Musical

O auditório da Biblioteca Nacional de Brasília (BNB) recebeu na terça-feira, 15 de abril, a "Orquestra de Bandolins", em mais uma edição do BNB Musical. A apresentação no formato de "pocket show" (espetáculo curto), com entrada franca, faz parte de um projeto para dar mais espaço para artistas da capital ou que aqui resolveram aportar e levar música de qualidade à maior biblioteca pública da cidade.

"A nossa orquestra é bem jovem. A gente estreou em junho do ano passado, não temos nem um ano de atividade, né?", comenta o bandolinista, professor da Escola de Música de Brasília e diretor da orquestra, Fernando Duarte. A iniciativa busca trazer de volta a tradição de orquestras desse instrumento no Brasil, que existiu entre 1890 e 1910. Com seus pares de quatro cordas (há variações), o bandolim, hoje presença marcante no samba e no choro por aqui, descende do alaúde do século 16, na Itália.

A "Orquestra de Bandolins" é formada por pessoas diversas, entre homens e mulheres, músicos profissionais e amadores, iniciantes e veteranos. O passeio musical do dia 15 confirma a tendência do pocket show de ser um espaço ao mesmo tempo de fruição e aprendizagem. No repertório que está sendo ensaiado — com a assinatura de Duarte em todos os arranjos —, as presenças para o clássico, com Vivaldi e Mozart, e para o contemporâneo nacional, de Pixinguinha a Luiz Gonzaga.

Milonga

O violonista e professor da Escola de Música de Brasília (EMB) Leo Bleggi foi o convidado do "pocket show BNB Musical" de março. Licenciado em Música (2006) e mestre em Educação Musical (2020) pela Universidade de Brasília (UnB), Bleggi pesquisa Milonga, um gênero praticado no Sul do Brasil e na região do rio da Prata, derivado da música cubana de Havana (habanera). O espetáculo contará também com a presença no palco do guitarrista e compositor brasileiro Pedro João, também formado em Música pela UnB, com especialização em choro e flamenco.



“Orquestra da Bandolins”: de Vivaldi e Mozart a Pixinguinha e Luiz Gonzaga

Encontros para discutir literatura ampliam temáticas

O Clube de Leitura da BNB fez um encontro na última quarta-feira de abril com um clássico da literatura nacional, "A hora dos ruminantes" (1966), do goiano José J. Veiga (1915-1999). Um texto metafórico que às vezes o situa na tradição do realismo fantástico.

Em março havia sido a vez da utópica peça da americana Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) "A terra das mulheres" (1979), de forte caráter feminista. Gilman, que manteve relacionamento com outra mulher, desnudou o machismo nos EUA. Maio será a vez de "Canção para ninar menino grande" (2018), de Conceição Evaristo (1946).

O clube "Entrelaçando Letras e Culturas", numa parceria com a Universidade de Brasília, se propõe a ler textos no original. Em março, trabalharam "País Sem Chapéu", de Dany Laferrière e, no mês passado, a obra de José Martí e sua "Antologia". Há encontros de apresentação e de debate.

A temática LGBTQIAPN+ ganha protagonismo no grupo da diversidade, que faz encontros bimestrais. Em maio, os integrantes vão trocar impressões sobre o recente "Verão de lenço vermelho" (2024), da russa Elena Malíssova (autora de romances gays, ameaçada de morte) em colaboração com a ucraniana Katerina Silvánova. Em tela, o envolvimento de dois rapazes num acampamento de formação política.

A BNB também tem encontros voltados para idosos, crianças e o público juvenil. Detalhes no perfil da biblioteca no Instagram, @bibliotecanacionaldebrasil



Encontro de maio do Clube de Leitura da BNB comentou "A hora dos ruminantes", de José J. Veiga

BNB recebe xadrez relâmpago (blitz)

Jogos duram cinco minutos, cada um, em encontros mensais

Praticantes do xadrez ganharam mais um ponto de referência na capital para a prática do tradicional jogo de tabuleiro. A BNB recebeu nas duas últimas sextas-feiras de março e no início de abril (foto ao lado) o Circuito FBX-FIDE de Xadrez Blitz. A ação está programada para acontecer mensalmente e os interessados devem acompanhar os detalhes no perfil da BNB no Instagram. "Circuito é um termo que indica um torneio em mais de uma etapa, no nosso caso duas por mês", explica o diretor da Federação Brasileira de Xadrez (FBX), Raimundo Nascimento Félix, que coordena o evento na maior biblioteca pública da cidade.



A modalidade blitz (ou relâmpago) desafia os oponentes a fazerem o embate entre peças brancas e pretas no tempo de cinco minutos, sendo que cada participante pode jogar até nove partidas no espaço de duas horas, levando-se em conta a média de dez pessoas que tem comparecido na BNB. Esse tipo de xadrez ganhou popularidade na telinha com a série "O gambito da rainha" (Netflix, 2020). O perfil dos contendores é muito variado em idade e gênero.

A participação no torneio rende — além do sentimento de satisfação em encurralar o rei adversário, obrigando-o a capitular — pontuação no ranqueamento da Federação Internacional de Xadrez (Fide, para o nome original "Fédération Internationale des Échecs", em francês, fundada em 1924, em Paris, atualmente com sede na Suíça). É o órgão dirigente das competições internacionais do esporte.

"O ranking serve para referenciar em torneios internacionais. Toda partida entre dois jogadores com ranking Fide coloca frente a frente competidores com diferenças de no máximo 40 pontos", explica Félix. Um desafio e tanto para quem não tem intimidade com as 64 casas que guardam infinitas variações de movimentos. "Toda pessoa é capaz de jogar xadrez. Claro, é necessário ajuda no início", incentiva o bancário, que já esteve à frente da Federação Acreana de Xadrez e, por três mandatos, na entidade equivalente na capital federal. Félix planeja conseguir apoio para abrir um curso de tabuleiro na BNB. "Estou estudando alternativas", diz o estrategista.

EXPEDIENTE

O Boletim Informativo é uma publicação da Diretoria da BNB, subordinada à Subsecretaria de Patrimônio Cultural (Supac) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) do Distrito Federal.

Edição: Alexandre Freire; diagramação: Daniel Arcanjo com a colaboração de Rodrigo Mendes; revisão: Marmenha Rosário. Imagens e fotografias sem crédito são da equipe da BNB ou de divulgação. Contatos: bnb@cultura.df.gov.br; @bibliotecanacionaldebrasilia